

ELAS EDITAM: MULHERES DO LIVRO E DA POESIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Ana Elisa Ribeiro¹

RESUMO

Neste artigo, no âmbito dos estudos da edição abordados sob uma perspectiva de gênero, tratamos da questão das mulheres editoras no Brasil, em especial das que editaram livros de poesia, considerando que sejam ainda subnarradas, embora tenham sido relevantes para a história editorial e literária do país. Num corte sincrônico e com base em dados gerados por meio de entrevistas assíncronas, tratamos brevemente de seis casos brasileiros de editoras atuantes no século XXI: Casa Verde, de Laís Chaffe, em Porto Alegre; Relicário, de Maíra Nassif, em Belo Horizonte; NegaLilu, de Larissa Mundim, em Goiânia; Escaleras, de Débora Gil Pantaleão, em João Pessoa; Nosotros, de Lubi Prates, Priscilla Campos e Carla Kinzo, de São Paulo; e Macabéa, de Thayssa Martins, Bianca Garcia e Viviane Marques, no Rio de Janeiro. Estas editoras são apenas parte da miríade de casas editoriais fundadas e conduzidas, hoje, por mulheres, dentro de um espectro de possibilidades entre editoras “independentes”, sendo focalizadas aqui aquelas que dão especial atenção à publicação de poesia em seus catálogos.

Palavras-chave: Poesia Brasileira. Publicação de Poesia. Editoras de Poesia. Edição.

ABSTRACT

Within the scope of the studies of publishing and under a gender approach, in this article we deal with the issue of women publishers in Brazil, especially those who have published poetry books, considering that they are still sub-narrated, although they have been relevant to the Brazilian editorial and literary history. In a synchronous cut and based on data generated through asynchronous interviews, we briefly deal with six

1 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Titular e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e do Bacharelado em Letras do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: anadigital@gmail.com. Agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais e ao pesquisador da edição Sérgio Karam, pela sempre rica e informativa interlocução.

Brazilian cases of publishers in the 21st century: Casa Verde, by Laís Chaffe, in Porto Alegre; Relicário, by Maíra Nassif, in Belo Horizonte; NegaLilu, by Larissa Mundim, in Goiânia; Escaleras, by Débora Gil Pantaleão, in João Pessoa; Nosotros, by Lubi Prates, Priscilla Campos and Carla Kinzo, in São Paulo; and Macabéa, by Thayssa Martins, Bianca Garcia and Viviane Marques, in Rio de Janeiro. These publishers are just part of a myriad of publishing houses founded and run, today, by women, within a spectrum of possibilities among “independent” publishers, with focus here on those who pay special attention to the publication of poetry in their catalogs.

Keywords: Brazilian Poetry. Poetry Publishing. Poetry Publishers. Publishing.

Algumas considerações contextuais sobre o tema

A história da edição de livros no Brasil está contada em algumas publicações dedicadas ao tema, de maneira mais ou menos extensa e abrangente, e em muitos livros e artigos, de maneira esparsa. Talvez, entre elas, a que mais se tenha transformado em referência seja *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell (2005), em que o autor organiza nossa história de casas editoriais e editores por capítulos nominais, tais como José Olympio ou Paula Brito, até meados do século XX, quando passa a narrar, brevemente, operações editoriais por regiões do país, citando apenas ligeiramente alguns casos que aqui nos interessam de perto: o das *mulheres que editam livros*. Nesse sentido, Hallewell não se detém nas histórias de editoras (mulheres), menos ainda em algum gênero literário específico, embora mencione, aqui e ali, as publicações relevantes de cada casa ou editor abordado.

Por essa razão, e mesmo amparadas na agenda apontada por Sapiro (2016) — a importância dos estudos literários e editoriais sob uma perspectiva de gênero —, parece-nos tão interessante jogar outros filtros e outras luzes sobre esta história, de maneira a tornar visíveis iniciativas e empreendimentos que custaram e custam muita energia às suas protagonistas, que, sabemos, nos exigem o esforço, metodológico e epistemológico, de “desapagá-las”, quando foram apagadas, ou mesmo de narrar as ainda inenarradas. Outra razão que nos move é a percepção da inegável importância dos catálogos das editoras fundadas e dirigidas por essas mulheres, o que tem impacto sobre a leitura e o desenvolvimento do pensamento em determinados campos do saber.

Neste ensaio, trataremos de *mulheres que editaram e editam poesia* no Brasil, do final do século XX aos dias de hoje. Obviamente, não se trata de um levantamento exaustivo e suficiente. Sua insuficiência reside, principalmente, no fato de que esta breve história lacunar é mais presente do que passada, isto é, captura uma história que ainda se move e progride, a olhos vistos. As casas editoras de poesia continuam sendo criadas, fundadas e tocadas por mulheres, cada vez mais, a despeito de sua relativa invisibilidade, em parte pavimentada pela falta de uma narrativa mais vibrante sobre suas antecessoras, sem dúvida mais escassas e bem menos evidenciadas pela narrativa hegemônica em história do livro e da edição no Brasil.

O foco aqui é a *edição de poesia por mulheres*, gênero literário cujas especificidades são frequentemente tratadas em manuais e compêndios. A despeito da importância deste gênero para a literatura e para a historiografia literária nacional, a sua edição pode surgir de maneira um tanto anedótica nas histórias de poetisas, quando ficamos sabendo que certo/a autor/a iniciou sua consagrada carreira literária se autopublicando ou abusando dos conhecimentos gráficos de amigos.

Até o final do século XX, de fato, publicar poesia dependia de mais esforços do que depende hoje, do ponto de vista das tecnologias e dos canais de divulgação. Com muito mais dificuldade, era preciso pagar pela edição em tipografia ou ser avaliado e aprovado por um editor de renome. E essa dificuldade é justamente a propulsora de muitas iniciativas editoriais. Ainda que o grande desejo de um/a poeta pudesse ser publicar um livro, é fundamental considerar que os caminhos da poesia são variados e passam, notadamente, pela publicação de esparsos em jornais e revistas, desde sempre.

Se considerarmos, então, esses suportes periódicos, menos duráveis e de custo mais baixo, vamos encontrar mulheres ocupando a função de editoras (fundadoras e dirigentes) pelo menos desde o século XIX, quando a imprensa passa a ser permitida no Brasil, isto é, como sabemos, no alvorecer do Oitocentos. Constância Lima Duarte (2016), em seu dicionário ilustrado, recolhe 143 jornais femininos e feministas, dos quais 36 são dirigidos por mulheres, que ali publicavam textos de variada natureza, entre os quais poemas, de autoria feminina inclusive. Embora não tenha sido objetivo de Constância Duarte focalizar os jornais literários, é possível encontrar, entre as folhas recolhidas, algumas que davam relevo à literatura. Entre as corajosas editoras de jornais figuravam, por exemplo, Josephina Álvares de Azevedo (irmã ou prima do famoso poeta, não se sabe ao certo) e Francisca Senhorinha da Mota Diniz, duas importantes protagonistas do periodismo nacional.

No século XX, um levantamento menos amplo e mais localizado geograficamente (RIBEIRO; GONÇALVES, 2019) dá conta de poucas mulheres envolvidas na produção das históricas revistas literárias mineiras, e mesmo se considerarmos históricos acontecimentos literários em São Paulo ou no Rio de Janeiro. É preciso escavar para encontrar essas personagens e dar a elas o relevo que merecem em nossa narrativa geral, como é o caso da jovem Lina Tâmega Peixoto, escritora de Cataguases (MG, terra do movimento e da revista *Verde* e de Ronaldo Cagiano, Luiz Ruffato, entre outros), fundadora e editora da revista literária *Meia-Pataca*, periódico que se tornou um marco para a história literária mineira e brasileira.

Também entre as publicações periódicas literárias, quase sempre propulsoras do que depois se passa a chamar de “movimentos”, estão outras formas gráficas, como é o caso das plaquetes (*plaquettes*, brochuras breves e normalmente artesanais) e dos murais, menos comuns em nossa historiografia. Em Belo Horizonte, é preciso dar destaque a Tânia Diniz, poeta e editora do mural poético *Mulheres Emergentes*, fundado em 1989 e conduzido por sua idealizadora até 2020, quando de seu precoce falecimento (RIBEIRO, 2020). Em vários momentos, *Mulheres Emergentes* foi também selo editorial, com o objetivo de publicar livros, em sua maioria antologias de poesia.

A publicação de poesia é, portanto, múltipla e fluida, quando se nota que ela aproveita todas as possibilidades em termos de tecnologias e suportes, talvez mais que outros gêneros literários. Quando se menciona o mimeógrafo, tecnologia mecânica de produção de cópias a baixo custo, é a poesia que se associa a ele, na história do que os manuais denominam “poesia marginal”, também publicada em revistas xerocadas e em livros produzidos precariamente. A poesia está nas experiências com vídeo, com cores, com movimento, com tecnologias digitais da informação e da comunicação e em folhas volantes que se perdem na história. A poesia se materializa nesses suportes frágeis, que durarão menos e aos quais será dada menor importância, mas, ao mesmo tempo, fazem isso com a agilidade e a fluidez que apenas esse gênero consegue ter.

É conveniente aqui tomar o link com a “poesia marginal” para mencionar Heloisa Buarque de Hollanda como editora, em especial editora de poesia, no mínimo em sua histórica atuação na antologia *26 poetas hoje*, publicada em 1976 pela Labor Editorial e, duas décadas depois, em 1998,

pela sua editora Aeroplano². Trata-se de um duplo acontecimento, que deu visibilidade a uma parte dos/as poetas que produziam poesia de mimeógrafo, em especial no Rio de Janeiro, naqueles idos, e posicionou Heloisa tanto como antologista quanto como editora. Estão no elenco daquela obra coletiva, como sabemos, poetas como Francisco Alvim, Chacal e Ana Cristina Cesar, hoje publicados por casas editoriais comerciais e mesmo em obras completas. Diante disso, talvez seja interessante pensar as antologias como estratégia de nascimento de iniciativas editoriais, mas também de antologistas como editores/as, em sua atuação de curadoria e organização, em muitos casos indo além: tratando mesmo da publicação e de seus efeitos

A edição de poesia é, muitas vezes, objetivo específico de algumas casas editoriais que nascem exclusivamente para formar catálogos nesse gênero, sem se desviar disso, até se desfazerem, geralmente por razões financeiras ou pela morte de sua/seu fundadora/or. As histórias de algumas dessas editoras de poesia estão contadas em obras como a de Patrícia Fonseca e Sônia Queiroz (2011), em Minas Gerais, ou o livro de Gisela Creni (2013), que, ao focalizar a edição artesanal, termina por se encontrar com os livros de poesia e os poetas contemplados por essas possibilidades, geralmente de vida curta. Entre tais iniciativas, por exemplo, estão as Edições Hipocampo, de Geir Campos e Thiago de Mello, que compuseram, desde os anos 1950, um catálogo relevante e relativamente breve de livros de poesia brasileira, entre os quais figurou um volume da poeta-editora Lina Tâmega Peixoto, nos anos 1970. É de notar, no entanto, que as sete histórias editoriais reunidas por Creni (2013) têm evidente protagonismo masculino. Em Matarelli e Queiroz (2009), assim como em Santana-Gomes et al. (2015), encontramos o depoimento de Maria Mazarello Rodrigues, fundadora e editora da longeva Mazza Edições, em Belo Horizonte, conhecida pela publicação especialmente de obras de autoria negra, desde

2 A Editora Aeroplano foi uma iniciativa de Heloisa Buarque de Hollanda nos anos 1990. Nada consta sobre a história dessa casa editorial na Wikipédia, quando acessada em 28 de junho de 2020. No livro *Onde é que eu estou?*, pela Bazar do Tempo (2019), em homenagem aos seus 80 anos, ela diz, sobre a edição e a editora, quando perguntada se sempre estrutura uma metodologia para tudo o que faz: “Claro que estruturo! Na minha editora [Aeroplano], por exemplo, cada livro tinha um conceito que determinava a escolha do designer, da estrutura gráfica, das estratégias de divulgação etc. Editorialmente, cada livro que faço é proposição autoral. É a única atividade que larguei (e foram muitas) que me dá saudades. Sou viúva da Aeroplano até hoje” (HOLLANDA, 2019, p. 24). Bem, importa saber que *26 poetas hoje* foi lançado primeiro pela Labor Editorial, uma multinacional espanhola que acabava de chegar ao Rio de Janeiro, nos anos 1970, e queria lançar uma obra de impacto. Como Heloisa pesquisava e pensava sobre a poesia do momento, foi convidada a produzir a antologia, no que foi auxiliada pelos poetas Chico Alvim e Cacaso (idem, 1998). Mesmo sob protesto, com o tempo, essa antologia se firmou como um dos livros importantes sobre poesia contemporânea, alçando muitos/as poetas à cena mais ampla da literatura brasileira.

1981. Segundo Mazza (não é casual essa homonímia entre a mulher e a casa), foi a poesia que sustentou os vários primeiros anos de sua editora, uma vez que eram sempre os/as poetas que estavam dispostos a contribuir com os custos de seus livros. Ela, segundo diz, deve muito de sua história à edição de poesia brasileira, e em seu catálogo figuram autores hoje muito representativos, como Edimilson de Almeida Pereira.

Onde estão, portanto, as mulheres que editam poesia? Já nos fazemos, há alguns anos, a pergunta mais genérica: onde estão as mulheres que editam? Mas aqui vamos nos deter na edição de poesia, segmento dos mais prolíficos, embora nem sempre dos mais prestigiosos ou lucrativos, segundo dizem. Às mulheres que editavam poesia podem ter ocorrido várias coisas, entre elas o apagamento, isto é, a omissão de seus nomes e de suas histórias, que dependem, hoje, de profundos mergulhos em arquivos e acervos literários, em hemerotecas ou na leitura atenta de histórias editoriais mais amplas. Também pode ter ocorrido que essas mulheres jamais tivessem conseguido existir, apesar de suas ideias e vontades, pelo simples fato de que não poderiam ocupar essa posição, excessivamente pública e geralmente prestigiosa, em uma sociedade patriarcal. Se existiram, no entanto, essas mulheres podem ter, como merecem, suas histórias estudadas e narradas, o que, no mínimo, cobre lacunas de nossa história editorial mais ampla.

No Brasil, as mulheres editoras de livros são ainda mais raras do que as editoras de periódicos. Obviamente, as condições para a existência e a permanência de uma editora são ainda mais difíceis do que para a criação de um jornal. Ao tempo dos importantes e reconhecidos editores das grandes casas brasileiras, onde estavam seus pares femininos, as editoras de livros literários? É de fundamental importância atentar para o fato de que não se trata, aqui, da edição genérica. Em trabalhos anteriores, foi possível abordar histórias de sucesso empreendidas por mulheres como Ivana Jinkings, da Boitempo Editorial (RIBEIRO, 2019), ou Zahidé Muzart, da Editora Mulheres (RIBEIRO; KARAM, 2020), reconhecidas editoras de livros, publicando, respectivamente, obras de esquerda e femininas/feministas, ao menos no início de suas empresas. Com o tempo, em ambos os casos, o catálogo e as coleções foram se expandindo. A Boitempo Editorial se transformou em uma casa longeva e respeitada; enquanto a Editora Mulheres perdeu fôlego com a morte de sua líder mais ativa, a professora Muzart.

Vamos tratar aqui da edição de poesia por mulheres, conforme já declarado, segmento peculiar no campo mais amplo da edição e por várias razões, dentre as quais: a ideia de que seja um gênero literário de mais difícil escoamento, comercialização e ao qual esteja mais associado um “ganho” simbólico do que financeiro; a noção de que, a despeito do item

anterior, seja um gênero muito popular, podendo ser também o gênero de acesso de muitos e muitas escritores/as ao universo editorial e à vida literária. Até os dias que correm, a produção de livros de poesia tem relação, menor e mais distante, com a autopublicação, com a publicação financiada pelos/as autores/as, com a produção em baixas tiragens ou com os fluxos quase indecifráveis das redes intelectuais e de contato. Editar, hoje, em condições tecnológicas menos caras e mais horizontais, parece uma boa resposta à relativa dificuldade de encontrar espaço em grandes editoras. E é por esta razão, principalmente, que muitas editoras (mulheres) criam seus espaços, num empreendimento tão sério quanto aventureiro, como elas mesmas sabem. Em muitos casos, as casas publicadoras de poesia são pequenas, resultado da diligência de uma mulher ou um coletivo delas, que deseja a inserção de poetisas na grande coleção da poesia contemporânea, não raro incluindo elas mesmas como autoras. A autopublicação é, em muitíssimos casos, a saída inicial das pessoas que fundam suas editoras, passando, depois, à publicação de outros/as poetisas. Essa é uma narrativa comum a autores e autoras, mesmo que depois eles e elas abandonem essa dupla atuação e se tornem exclusivamente editores/as.

No Brasil, depois de figuras como Maria Mazarello Rodrigues e Heloisa Buarque de Hollanda, para citar aquelas que publicaram poesia com ênfase, nos anos 1990, e ainda após antecessoras do peso de Zahidé Muzart (Editora Mulheres, em Florianópolis), Rose Marie Muraro (Rosa dos Tempos, no Rio de Janeiro) ou Ivana Jinkings (Boitempo, em São Paulo), além de Annette Baldi (Projeto, em Porto Alegre) e Rejane Dias (Autêntica, em Belo Horizonte), para mencionar apenas algumas das mulheres que publicam livros, em nossa cena mais ampla, sem necessariamente publicar poesia, podemos visualizar, nos dias de hoje, o surgimento ruidoso e vigoroso de inúmeras, talvez incontáveis e incontornáveis, casas editoriais dirigidas por jovens mulheres, em larga medida a fim de publicar poesia e, em alguns casos, apenas autorias femininas. Nem sempre tais iniciativas nascem diretamente fecundadas pelo conhecimento de suas predecessoras, mas certamente aproveitam a fertilidade de um contexto social e tecnológico muito mais propício às atividades editoriais fundadas e conduzidas por mãos femininas.

Seis editoras de poesia, hoje

Os casos de que trataremos a seguir são apenas parte pequeníssima da miríade de editoras e possibilidades hoje em atuação no Brasil, em várias regiões do mapa. As condições econômicas, sociais e tecnológicas do século XXI trouxeram mudanças consideráveis ao cenário da edição de livros, em especial abrindo espaço para uma profusão de pequenas casas

editoriais, que trabalham incansavelmente, formando catálogos que diversificam a oferta literária, em vários países. Entre as mudanças que apontamos como sociais, certamente está a consciência das mulheres sobre sua possível e necessária participação no espaço público, também por meio da produção editorial. Diante disso, de pelo menos dez anos para cá, acompanhar a quantidade de editoras dirigidas *por* e *às* mulheres é tarefa fugidia, se não impossível. Em Fonseca e Queiroz (2011), atribui-se às ondas feministas pós-1970 uma consciência mais ampla das mulheres sobre sua participação no meio literário, que estendemos aqui ao editorial. Com as mudanças tecnológicas das três décadas mais recentes, elas então proliferaram e suas casas publicadoras, em especial dos anos 2000 para cá. Não é coincidência que editoras fundadas e dirigidas por mulheres surjam em várias partes do mundo, inclusive em países europeus, como a Espanha, dos anos 1960 em diante (FERNÁNDEZ, 2017).

A fim de identificar e narrar minimamente cada uma das histórias aqui focalizadas, contatamos suas editoras-fundadoras e enviamos um breve questionário, a que elas responderam, muito gentilmente, por e-mail. Escolhemos, então, a ordem cronológica de fundação das casas editoriais aqui presentes para dar organização a estas bravas — e breves — histórias de edição em poesia.

Casa Verde e Laís Chaffe



Os primeiros livros publicados pela Casa Verde³, de Porto Alegre, saíram em 2005, embora o trabalho efetivo tivesse começado no ano anterior. No grupo de editores estava Laís Chaffe, idealizadora do projeto, que convidou várias pessoas que deveriam promover debates sobre os próprios textos e unir esforços para bancar os projetos de livro, com “independência criativa”, “sem depender do aval de editoras”, sem a submissão às regras impostas por outros e sem grandes demoras.

O primeiro volume da Casa Verde foi a coletânea de contos intitulada *Fatais*, produzida por diversos/as escritores/as, grupo que não se manteve

3 <http://www.casaverde.art.br/>

por todo o tempo. Em sua primeira formação, a editora era composta por nomes como Caco Belmonte, Christina Dias, Filipe Bertolini, Flávio Ilha, Luciana Veiga, Luiz Paulo Faccioli, Marcelo Spalding e Laís Chaffe. O grupo idealizou, organizou e editou a coletânea inaugural da Casa Verde, a despeito de saber que contos são comercialmente mais difíceis, além de elegerem como tema do livro a morte. O processo de edição teve início com o debate, ao longo de meses, sobre a obra. A ideia era que todos/as, com suas experiências em oficinas literárias, auxiliassem na leitura e na crítica dos textos. Diz Laís Chaffe:

Com a Casa Verde, procuramos unir autonomia e, ao mesmo tempo, evitar o risco de publicar com pressa, sem crítica nem autocrítica, simplesmente por sermos os donos da bola. Claro que nada disso seria garantia de qualidade, muito menos de não errarmos, mas é certo que o resultado foi positivo para os textos e para nosso crescimento.

De 2005 a 2009, dez livros compuseram o catálogo da editora. Com o escasseamento dos encontros do grupo e a mudança de interesses, de comum acordo, a sociedade foi desfeita e Laís deu continuidade à Casa Verde. Em 2020, a editora tem cerca de quarenta livros em catálogo, entre impressos e digitais. A ideia original se mantém de pé, segundo sua fundadora: “A editora surgiu como um meio e não como um fim, não como um negócio”. O ritmo de publicações segue lento, dentro das possibilidades e das conciliações de Laís Chaffe, que também atua no setor audiovisual. Como o objetivo principal não era e não é “ganhar dinheiro”, pergunta a editora: “Qual seria o sentido de transformar um projeto que nasce de um desejo de autonomia em uma empresa refém de critérios mercadológicos, em um empecilho à livre criação?”.

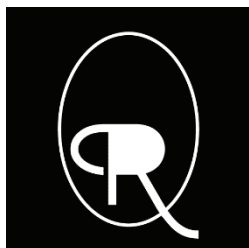
Com essa diretriz clara, era de esperar que a Casa Verde desse especial atenção à publicação de poesia. O gênero é uma prioridade na casa, juntamente com o que Laís chama de “narrativas breves”, tais como minicontos, textos que “vendem pouquíssimo e, conseqüentemente, têm pouca acolhida pelas editoras comerciais”. Em razão disso, foram criadas as séries Lilliput (minicontos e outras formas breves) e Cidade Poema (poesia), cada uma das quais com nove volumes (até 2020).

Laís Chaffe confirma a dificuldade de vender poesia e recuperar o investimento feito nos livros, no entanto, a Casa Verde existe justamente para enfrentar essa adversidade. Segundo a editora, em termos de processo editorial, a poesia exige mais cuidado e atenção:

... poetas costumam reinventar a linguagem, subverter o senso comum, criar palavras. O que parece um erro pode ser proposital, mas também pode ser um tropeço de digitação, um engano, algo não intencional. A comunicação entre editora e poetas tem de ser constante, é uma relação que exige ainda mais respeito e delicadeza do que as demais.

Se é possível, portanto, apontar um espaço da edição em que as dificuldades sejam justamente o motor que movimenta os projetos, tal espaço é a edição de poesia. E Laís Chaffe não está sozinha em sua missão. Quando perguntada sobre suas colegas de segmento, ela menciona as editoras gaúchas Eliane Marques, da Escola de Poesia⁴; Fernanda Bastos, da Figura de Linguagem⁵; e Clô Barcelos, da Libretos⁶, todas iniciativas que contam com livros de poesia em seus catálogos.

Relicário e Maíra Nassif



Maíra Nassif é a editora por trás do selo Relicário Edições⁷, oficialmente fundado em fevereiro de 2013 e hoje já com 87 títulos em catálogo. O livro inaugural, lançado em setembro do mesmo ano, foi *Personagens conceituais: filosofia e arte em Deleuze*, de Fernando Tórres Pacheco, uma obra de caráter acadêmico. O catálogo, no entanto, nascia com dois objetivos, materializados em duas linhas editoriais: publicações teóricas e acadêmicas e literatura. Já à época, o plano de Maíra Nassif era publicar romance, poesia, dramaturgia e ensaio. Passados sete anos, a poesia é prevalente entre as publicações, inclusive acumulando prêmios. A fundadora e editora da Relicário reconhece dar mais atenção à publicação de versos, tanto em razão de um gosto pessoal quanto pela “observação de que há um público fiel de poesia que tem consumido edições de poesia com entusiasmo”. Participante contumaz de feiras de publicações

4 <https://www.facebook.com/escoladepoesia>

5 <http://www.editorafiguradelinguagem.com>

6 <http://www.libretos.com.br>

7 <https://www.relicarioedicoes.com/>

independentes, Maíra aponta ainda que “A cena de poesia contemporânea brasileira é uma cena leitora”, o que se evidencia nesses eventos, em que ela vende parte de seu estoque.

Entre as editoras dirigidas por mulheres e que publicam poesia, hoje, em nosso país, Maíra menciona: a Chão da Feira, em Belo Horizonte e São Paulo; Raquel Menezes e a Oficina Raquel, no Rio de Janeiro; Ana Cecilia Impellizzeri Martins e a Bazar do Tempo, também no Rio; Natalia Agra e a Corsário-Satã, em São Paulo.

Sobre o trabalho de edição, propriamente, Maíra Nassif considera mais difícil tratar dos textos poéticos do que da prosa. A editora é formada em filosofia e, ao contrário de muitas editoras, não é poeta, o que não a impede de, efetivamente, ler e editar os livros que gesta e publica. Maíra Nassif é herdeira de uma tradição que encontra raros/as pares no mundo editorial contemporâneo, uma vez que evita a posição de *publisher* e assume o papel de editora “tradicional”, lendo, comentando e revisando seus originais, mesmo se forem de poesia. Nesse sentido é que ela declara mais “dificuldade”:

Como editora me sinto mais tímida e constrangida em propor mudanças em versos do que em construções em prosa. Tenho a impressão de que os poetas são mais apegados aos versos e às soluções encontradas do que os prosadores. Isso me faz sentir que estou adentrando e interferindo em um espaço muito privado e até, digamos, “sagrado”, o que dificulta para mim o trânsito e a reconfiguração do que está dado.

Em Ribeiro (2019), já havíamos detalhado aspectos do funcionamento das Edições Relicário, inclusive em contraponto com a Chão da Feira, coletivo feminino de edição de livros e da revista *Gratuita*.

Nega Lilu e Larissa Mundim



Larissa Mundim é a fundadora e editora da Nega Lilu⁸, que atua em Goiânia desde 2013, tendo como gesto inaugural um livro da própria Larissa. Ao não encontrar oportunidade de publicação para seu primeiro romance, *Sem palavras*, a escritora tornou-se, então, editora, dando resposta

8 <http://negalilu.com.br/>

independente ao desinteresse de grandes casas comerciais, para as quais, em geral, outras partes do país são um ponto cego. Larissa captou recurso público, por meio da Lei Goyazes de Incentivo à Cultura, reuniu os melhores profissionais que conhecia, criou métodos de trabalho e aprendeu a fazer livros. O nascimento da editora, portanto, ocorreu simultaneamente ao da escritora Larissa Mundim, em sua ativa casa Nega Lilu. Com o domínio dos processos de edição, ela passou a publicar outros/as autores/as de Goiás, “com alta qualidade criativa e planos de circular nossos livros mais amplamente Brasil afora”. Em 2020, a editora tem 28 títulos em catálogo, entre impressos e eletrônicos, além de atuar por meio de selos: Pantheon, Eclea, Tuci, Ç3 e Naduk.

Larissa considera que, como editora, dá atenção especial à produção dos livros, sejam eles de que gênero literário forem. “A Nega Lilu Editora começou a publicar poesia porque Goiás é terra de poetas”, afirma, lembrando que os livros de poesia foram os que chegaram com mais força, desde o começo das atividades da editora, em especial os de autoria de mulheres e jovens iniciantes. Alguns desses poetas chegaram à Nega Lilu por meio do processo seletivo organizado pela casa, a cada dois anos, quando a ideia é compor antologias de poesia e prosa. Para isso, foi criada a coleção “e/ou”, cujo público-alvo são os/as autores/as inéditos ou recém-editados. Segundo Larissa, nesses processos fica evidente a proporção maior de submissão de poemas, em detrimento de crônicas ou contos. Essa verve poética é atribuída, então, à precedência de poetas consagrados como Cora Coralina e Pio Vargas, mas também à profusão de saraus e *slams* que também ocorrem na capital goiana.

Quanto à rede intelectual contemporânea da qual Larissa e sua Nega Lilu fazem parte, a editora menciona outras casas conduzidas por mulheres, tais como: Tatiana Nascimento (Padê Editorial – DF), Ana Rocha (Polvinho – MG), Silvia Nastari (Quelônio – SP), Carla Kinzo, Lubi Prates e Priscilla Campos (Nosotros – SP), Natalia Cristina Aniceto (Avá Editora Artesanal – DF). Em todos os casos, a publicação de poesia contemporânea é um dos eixos, em especial a de autoras.

Sobre a experiência de publicar poesia e prosa, Larissa Mundim aponta a dedicação especial ao livro como objeto, uma das finalidades da editora que comanda. Em todo caso, considera a publicação de prosa menos complexa e de menor grau de subjetividade nos projetos editoriais.

Da forma como trabalhamos na Nega Lilu, publicar poesia envolve compreensão da poética proposta por cada autor/autora. Como são escritores contemporâneos muitos trazem experimentações de linguagem e estética

“diferentonas” em seus poemas. Então, torna-se fundamental a compreensão da proposta artística por toda a equipe. Por exemplo, rupturas com estruturas formais, de maneira geral, afetam o trabalho de edição de texto e de revisão. Por sua vez, o design gráfico não alcança resultados consistentes se considerar apenas temáticas presentes no livro, sem envolvimento com outras variáveis que compõem o texto: arquitetura, ritmo, sinestesia etc. Neste sentido, aumenta a importância da coordenação editorial, função mediadora dos profissionais envolvidos com o projeto, também responsável pela relação com o autor/autora.

A compreensão das tarefas da edição e de sua regência é, hoje, completamente incorporada e tem efeitos sobre os livros produzidos pela Nega Lilu, o que mostra que a diligência inicial de Larissa Mundim num universo que pouco conhecia e de que não era profissional teve como resultado a criação não apenas de um selo para publicação de livros que insistiam em existir, mas a importante emergência de uma enunciadora firme e visível no espectro cultural goiano e brasileiro.

Escaleras e Débora Gil Pantaleão



E D I T O R A
escaleras

A editora Escaleras⁹ foi fundada em 2017 e é dirigida pela poeta Débora Gil Pantaleão, na cidade de João Pessoa, Paraíba. A “fundação” de uma editora costuma coincidir com o gesto inaugural e performativo de publicar um primeiro livro. Neste caso, curiosamente, a aventura contou com o lançamento do selo durante um grande evento ligado às mulheres, o Mulherio das Letras, em João Pessoa, em 2017. Com o atraso da chegada dos primeiros livros, a Escaleras se lançou como ideia e, mais adiante, pôs à disposição os dois primeiros títulos de poesia da própria Débora (*Nem uma vez uma voz humana* e *Vão remédio para tanta mágoa*) e uma coletânea de contos da escritora Maria Valéria Rezende (*Histórias nada sérias*).

9 <http://www.editoraesaleras.com>

Em parceria com Ícaro Medeiros, criador da marca e primeiro capista, o objetivo da Escaleras era — e ainda é — a publicação de obras de autoria feminina, principalmente estreantes. Embora não julgue que a editora dá ênfase à publicação de poesia, Débora Gil Pantaleão afirma que a maioria dos originais que chegam são desse gênero literário. Atualmente, a editora busca autoras e autores de prosa — romances, em especial —, a fim de equilibrar o catálogo, que disponibiliza 28 títulos (com outros quatro no prelo).

Segundo Débora, o contexto paraibano é prolífico em poetisas, embora esse seja um gênero de mais difícil comercialização, segundo ela julga, após a experiência com a Escaleras. Ao citar outras colegas de edição, é a escritora Jarid Arraes que surge, com uma iniciativa editorial também voltada à autoria feminina, o selo Ferina.

Nosotros e Carla Kinzo, Lubi Prates e Priscilla Campos

no
so
tros

Nosotros¹⁰ é o nome de um selo fundado em 2016 por Lubi Prates, Carla Kinzo, Priscilla Campos, Julia Bicalho Mendes e Stefanni Marion. Mais adiante, apenas as três primeiras fundadoras mantiveram a editora, cujo objetivo é publicar poetisas latino-americanas no Brasil, a partir de extensa pesquisa, editando livros bilíngues. Enquanto esse projeto não ganhava corpo, a Nosotros concentrou seus esforços na publicação da antologia *Golpe*. O mote foi o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, e a antologia se tornou o livro inaugural do selo. Com o passar do tempo, a editora publicou obras de poetisas brasileiros/as, além das escritoras argentinas Jimena Arnolfi e Nurit Kasztelan, em plaquetes nas duas línguas — português e espanhol — e lançamentos nos dois países.

Nosotros e suas editoras afirmam dar especial atenção à publicação de poesia. São leitoras contumazes de poesia e publicaram livros de autoria

10 <https://pt-br.facebook.com/nosotroseditorial/>

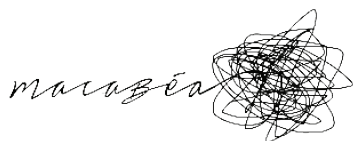
majoritariamente feminina, o que, segundo Carla, Lubi e Priscilla, não foi intencional. De acordo com as fundadoras, “a editora acaba refletindo um pouco de nós”. Nosotros também faz planos de publicar dramaturgia e está aberta a outras possibilidades.

O catálogo da editora conta, em 2020, com quinze títulos, sendo o primeiro a já mencionada antologia *Golpe*, e essa talvez seja a estratégia de que muitas editoras pequenas ou “independentes” se valem para reunir, a um só tempo, capital simbólico e financeiro, uma vez que muitos/as autores/as participam, ajudam a divulgar e a vender uma obra com essa característica, dando oportunidade à continuidade e à sustentação, ao menos temporária, do selo.

Quando tratamos das redes intelectuais dessas editoras, Carla Kinzo, Lubi Prates e Priscilla Campos mencionam outras iniciativas, também contemporâneas, conduzidas por mulheres e que dão especial atenção à publicação de poesia. Entre elas estão a editora Chão da Feira, que atua entre Belo Horizonte e São Paulo e é dirigida por Maria Carolina Fenati, Júlia de Carvalho Hansen e Luísa Rabello; a Luna Parque, do Rio de Janeiro, pela poeta Marília Garcia e colaboradores; a Relicário, de Maíra Nassif; a Ubu, por Florencia Ferrari e Elaine Ramos (e várias colaboradoras); e a Linha a Linha, casa sobre a qual as informações são escassas na internet. Em quase nenhum caso, as editoras se dedicam exclusivamente ao gênero poesia, mas em todos eles esse gênero literário mantém seu lugar de destaque e persistência.

Editoras pequenas como a Nosotros nascem de iniciativas genuinamente literárias, geralmente ligadas aos/às próprios/as poetas. Em larga medida, podem se relacionar à autopublicação, já que servem, em um primeiro momento, à inauguração não apenas do selo, mas da carreira literária de um/a ou mais poetas, tal como ocorreu com a Nega Lilu, aqui tratada. Esse porte pequeno não significa, no entanto, um trabalho silencioso e discreto. Nos dias que correm, editoras como a Nosotros podem fazer barulho, alcançando a mídia *mainstream* e prêmios conhecidos, lado a lado com grupos editoriais grandes e mesmo multinacionais. O tamanho pequeno do selo também favorece, segundo suas fundadoras, que elas sintam menos as oscilações de um mercado que vive em crise, permitindo que elas publiquem o que quiserem, sem grandes abalos.

Macabéa e Thayssa Martins, Bianca Garcia e Viviane Marques



A Macabéa Edições¹¹ é a mais jovem das iniciativas de edição de poesia. Foi fundada em 2017, como selo de um grupo editorial, mas logo se firmou como iniciativa independente, em 2019. As editoras responsáveis são Bianca Garcia e Thayssa Martins, desde a primeira fase, e, a partir de 2019, com a colaboração de Viviane Marques. O objetivo da Macabéa era, como em tantas outras belas iniciativas, dar voz e espaço às mulheres por meio da publicação, alcançando as premiações, a crítica e as prateleiras das pessoas interessadas, fazendo parte de uma “rede de apoio entre mulheres do mundo literário”. É clara para as editoras a finalidade e a contingência de serem parte de um universo independente intercomunicado, em que se aliam — e precisam aliar — profissionais do livro e autoras.

Em uma fase inicial da editora, ainda ligada a uma instituição de ensino, ela publicou doze títulos, sendo sete de poemas, o que a tornou conhecida como “editora de poesia”. Já na sua fase independente, o primeiro livro da Macabéa foi *Grão*, com poemas de Aline Martins. Na configuração que tem hoje, o selo faz da poesia forte elemento de seu catálogo, que já contava com quatro títulos, entre 2019 e junho de 2020.

Fazendo jus a essa rede de editoras e de mulheres que editam, algumas delas tratadas aqui, Thayssa menciona as congêneres Juliana Travassos, Julya Tavares e Carla Oliveira, da Garupa; Lubi Prates, Carla Kinzo e Priscilla Campos, da Nosotros; Maíra Nassif, da Relicário; Aline Rochedo, da Pachamama; Tatiana Nascimento e Bárbara Esmenia, da Padê; Sabine Mendes Moura, Laura Spíndola e Lidia Orphão, da Editora Nua; Viviane Salles, da Esquina Editorial; e Adriana Azevedo, Aline Miranda e Rezi de Souza, recém-fundadoras da Filipa.

Segundo suas editoras, a Macabéa Edições procura construir seus projetos editoriais juntamente com as autoras dos títulos, atentando para a coerência entre temas e qualidade, fazendo, assim como Maíra Nassif, um trabalho de edição de texto, mesmo em poesia. São atribuições das editoras a curadoria para a formação do catálogo e a organização das obras, numa compreensão clara da edição e da escrita poética como trabalho, atividades profissionais.

11 <https://www.macabeaedicoes.com/>

Então, elas editam

O título deste artigo dialoga com o título de um livro lançado na Colômbia por colegas pesquisadoras que também se interessam por estudar e narrar as histórias das mulheres editoras de seu país (VALENCIA DE LLERAS; MARÍN COLORADO, 2019). O interesse pela atuação das editoras é despertado mais ou menos simultaneamente, em várias partes do planeta (além da Colômbia, Uruguai, Argentina, Chile, México e vários outros países, inclusive com história editorial mais antiga do que a nossa), em relação às mulheres de antes e de hoje. Em diversos países, pesquisadoras e pesquisadores (mas principalmente elas) se ocupam de jogar novas luzes sobre uma atuação que, quando existiu, foi borrada “pelo tempo” (e aqui, o “borrar”, em português, pode também emprestar sentidos à língua espanhola, cujo *borrar* significa “apagar”) e pouco ou nada narrada, a despeito de poder ter sido relevante e ter tido impacto sobre a construção do pensamento e da sociedade. As mulheres que atuam como editoras costumam responder à falta de espaço e de voz de maneira performativa, consciente e, agora, com os meios tecnológicos mais à mão.

Entre as seis editoras aqui brevemente narradas estão mulheres de algumas regiões do Brasil, racialmente diversas, assim como são diversas em suas orientações sexuais e em seus modos de editar e operar, a partir de seus contextos mais imediatos. Como sempre aconteceu, elas formam uma rede intelectual, de laços menos ou mais intensos, que interfere e dialoga com a rede mais ampla da edição no país. Conforme pensam seus negócios — como negócios, mas principalmente como catálogos de resistência e consciência política¹², em sentido amplo —, essas editoras estão incontornavelmente na cena da edição nacional, e somente por uma atitude negligente ou deliberadamente omissa podem ser ignoradas.

REFERÊNCIAS

- COLLEU, Gilles. *La edición independiente como herramienta protagónica de la biodiversidad*. Trad. Víctor Goldstein. Buenos Aires: La Marca Editora, 2008.
- CRENI, Gisela. *Editores artesanais brasileiros*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Autêntica / Fundação Biblioteca Nacional, 2013.
- DE DIEGO, José Luis. *La otra cara de Jano: Una mirada crítica sobre el libro y la edición*. Buenos Aires: Ampersand, 2015.

12 Para uma discussão seminal sobre a “independência” editorial, tal como entendida dos anos 2000 para cá, ver Colleu (2008). De Diego (2015) aborda aspectos também muito interessantes sobre as duas faces em jogo na condução de editoras: o negócio e o valor simbólico.

- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Século XIX. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- FERNÁNDEZ, Pura. “Por ser mujer y autora...’ Identidades autoriales de escritoras y artistas em la cultura contemporánea”. *Ínsula*, Madri, n. 841-2, pp. 2-7, jan.-fev. 2017.
- FONSECA, Patrícia; QUEIROZ, Sônia. *Editoras mineiras: o lugar da poesia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria P. Villalobos, Lólio L. de Oliveira e Geraldo G. de Souza. 2. ed. rev. amp. São Paulo: Edusp, 2005.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *26 poetas hoje*. 3. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.
- _____. *Onde é que eu estou?* Heloisa Buarque de Hollanda 8.0. BOTELHO, A. et al. (org.). Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- MATARELLI, Juliane; QUEIROZ, Sônia. *Editoras mineiras*. Panorama Histórico. v.1. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- RIBEIRO, Ana Elisa. “Boitempo Editorial e Ivana Jinkings: um quarto de século de uma editora de esquerda no Brasil”. *Pontos de Interrogação*, Salvador, v. 9, n. 1, pp. 201-26, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/7017>>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- _____. “Editoriales y editoras en Brasil hoy. Dos casos contemporáneos: Chão da Feira y Relicário”. *Lectora*, Barcelona, n. 25, pp. 227-41, 2020. Disponível em: <<https://revistes.ub.edu/index.php/lectora/article/view/29843>>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- _____. “Mulheres na edição: o caso de Tânia Diniz e o mural Mulheres Emergentes”. *Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación*, Buenos Aires, ano 23, n. 107, pp. 65-79, 2020. Disponível em: <https://fido.palermo.edu/servicios_dyc/publicacionesdc/cuadernos/detalle_publicacion.php?id_libro=835>. Acesso em: 29 jun. 2020.
- _____; GONÇALVES, Mário Ribeiro. “Mulheres em revistas literárias mineiras: do modernismo às neovanguardas”. *Revista Graphos*, João Pessoa, v. 21, n. 2, pp. 111-31, 2019. Disponível em: <[47795-Texto do artigo-127964-1-10-20200111.pdf](https://www.revistas.uepb.edu.br/index.php/graphos/article/view/47795-Texto%20do%20artigo-127964-1-10-20200111.pdf)>. Acesso em: 6 jun. 2020.
- _____; KARAM, Sérgio. “Editora Mulheres, Zahidé Muzart e um caso relevante de edição de livros no Brasil”. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, pp. 1-18, jan.-mar. 2020. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/34581/19564>>. Acesso em: 28 jun. 2020.
- SANTANA-GOMES, Letícia et al. (org.). *Maria Mazarello Rodrigues*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2015.
- SAPIRO, Gisèle. *La sociología de la literatura*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016. [*Sociologia da literatura*. Trad. Juçara Valentino. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.]
- VALENCIA DE LLERAS, Margarita C.; MARÍN COLORADO, Paula A. *Ellas editan*. Bogotá: Ariel Colombia, 2019.